

TETICIDADE: CATEGORIA FUNCIONAL OU UMA QUESTÃO DISCURSIVA NO PB?

THETICITY: A FUNCTIONAL CATEGORY OR A DISCURSIVE ISSUE IN BP?

Paulo Pinheiro Correa¹

RESUMO:

Este trabalho visa a contribuir com os estudos sobre a expressão da Teticidade (SASSE, 1987, 2006; LAMBRECHT, 2000) no Português Brasileiro, por meio do levantamento da sintaxe associada associada à expressão desta configuração informativa. A pesquisa tem o objetivo de discutir se a teticidade no português brasileiro existe como uma categoria funcional representada na cognição, como por exemplo, em Bybee (2010, 2013) ou se é uma condição pragmática que é interpretada no discurso. Os resultados de uma análise de corpus mostraram: (a) uma variedade de configurações sintáticas não-compatíveis com a ideia de uma categoria funcional representada na cognição e (b): a presença de uma espécie de marcador que poderia ter alguma função ligada à teticidade no nível discursivo.

PALAVRAS-CHAVE: Português Brasileiro. Teticidade. Estrutura informativa. Categoria funcional. Discurso.

ABSTRACT

The aim of this paper is to contribute to studies about the expression of Theticity (SASSE, 1987, 2006; LAMBRECHT, 2000) in Brazilian Portuguese, by analyzing the syntax of this informational configuration. The goal is to discuss if theticity in this language is a functional category represented in cognition as, e.g. in Bybee (2010, 2013) or if it is a pragmatic condition interpreted in discourse. The results of a corpus analysis showed: (a): a variety of syntactic configurations not compatible with the idea of a functional category represented in cognition and (b): the presence of a kind of marker having presumably some function related to theticity at discourse level.

KEYWORDS: Brazilian Portuguese. Theticity. Information Structure. Functional Category. Discourse.

Introdução

A teticidade é uma noção inicialmente estudada no âmbito da Lógica (BRENTANO, 1874 (1973) e MARTY 1897) trazida para a Pragmática Linguística por Ulrich (1985) e Sasse (1987). Neste nível de análise linguístico, a discussão se situa no âmbito da estrutura informativa e pode ser melhor entendida considerando-se a oposição *tético x categórico*. Os

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem e do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. Contato: papicorrea@gmail.com.

enunciados de conteúdo categórico têm estrutura informativa dual (expressam um actante e uma predicação acerca desse actante). Os téticos, por sua vez, não têm estrutura interna, sendo uma unidade informativa. Estes expressam uma de três situações: (a) um estado de coisas nos quais um actante pode estar inserido mas não é um elemento preponderante daquela cena descrita pelo enunciador; (b) introduzem um novo actante no discurso, configurando um enunciado existencial, ou ainda (c): constituem enunciados tradicionalmente analisados no funcionalismo como *remáticos*, em que, considerando a divisão informativa entre TEMA e REMA, estes carecem de TEMA, sendo constituídos apenas de informação nova, o REMA.

Os primeiros trabalhos sobre o assunto apontaram para um entendimento da teticidade como uma categoria funcional operante nas gramáticas das línguas (KURODA 1972; ULRICH 1985; SASSE 1987; SMIT 2010; CARLIN 2011, entre outros). Trabalhos recentes sobre línguas específicas, por sua vez, procuram rever essa ideia considerando a teticidade como uma categoria pragmática do discurso ou do uso linguístico que não necessariamente existe como categoria funcional (SASSE 1996, 2006; LAMBRECHT, 2000; HATCH 2014; BELLIGH 2020). Na literatura pertinente, a oração tética também é relida como oração de *foco sentencial* por alguns autores (LAMBRECHT, 2000; SMIT, 2010).

Uma simples comparação já demonstra que há diferença, ao menos em determinados gêneros do discurso, na expressão desses conteúdos em PB e em outras línguas românicas. O exemplo (1), abaixo é de uma manchete do jornal *El País*, edição Brasil, publicada em 12 de maio de 2019:

(1) **Os portugueses** se extinguirão neste século? (*El País*, ed. Brasil)

A manchete, uma sentença tética anunciativa, na classificação de Sasse (2006) aparece em PB na ordem SV (sujeito-verbo), mesma configuração das categóricas nessa língua. Na edição espanhola do mesmo jornal, a manchete original foi construída na disposição VS (verbo-sujeito) exemplo (2):

(2) ¿Se extinguirán **los portugueses** este siglo? (*El País*, ed. América)

O exemplo (2) ilustra a característica do espanhol, na maioria das suas variedades, no que se refere aos enunciados téticos: trata-se de uma língua apontada na literatura como de marcação de teticidade por meio da ordem VS, uma espécie de marca sintática que identifica este tipo de conteúdo informativo, frente às construções categóricas de ordem SV.

Belligh (2020), ao discutir a teticidade no holandês, avança na diferenciação do que seria a (codificação da) teticidade na gramática em oposição à teticidade no discurso. No presente trabalho, considerando parcialmente a diferença proposta por Belligh (2020), pretendemos analisar dados do PB para aprofundar a discussão sobre o estatuto da teticidade nesta língua. Concretamente, apresentamos dados para avançar em direção à resposta à seguinte pergunta de pesquisa: a teticidade no português brasileiro existe como uma categoria funcional ou se trata de uma condição pragmática que é interpretada no discurso?

A diferença entre estas duas formas de analisar os conteúdos téticos ou de foco sentencial seria a seguinte: se a teticidade é uma categoria funcional, como defendem os autores que trouxeram a discussão do plano filosófico para o linguístico (ULRICH, 1985; SASSE, 1987), o conteúdo tético ou de foco sentencial constitui uma categoria cognitiva para cuja expressão existiriam recursos linguísticos associados a uma possível representação cognitiva dessa categoria, no panorama da Língua em Uso, considerando a linguagem como emergente e a noção de construção linguística (BYBEE; EDDINGTON, 2006; BYBEE, 2010, 2013; GOLDBERG, 2006).

Por outro lado, se a teticidade é uma condição pragmática da estrutura informativa que se opõe à dos enunciados categóricos, ela não está relacionada a uma representação cognitiva nesta língua e, como resultado, um enunciado tético não seria veiculado em uma configuração sintática especial. Neste caso, seu significado pragmático informativo pode vir a ser depreendido ou não pelo interlocutor no âmbito do discurso, e a teticidade não configuraria uma categoria a priori representada na cognição.

1. Tema e Pressupostos teóricos

A partir do exame da expressão da teticidade em um variado conjunto de línguas, Sasse (1987) defende a ideia da existência de dois tipos de asserção distintos, codificados nas línguas por meios sintáticos, morfológicos ou prosódicos: téticos e categóricos. O autor destaca duas noções fundamentais: (a) *perspectiva comunicativa*, que consiste na forma geral que um falante dá a um estado de coisas que vai apresentar em determinada sentença e (b) *estrutura informativa*, relacionada à disposição dos elementos na sentença. A noção (a) de perspectiva comunicativa é intrinsecamente relacionada à noção de *perspectiva* em Linguística Cognitiva, como parte da perspectivização conceptual (CROFT; CRUSE, 2004; LANGACKER 2008). A proposta de Sasse, elaborada ainda nos anos 80, se mostra bastante alinhada com os desenvolvimentos da Linguística Cognitiva daquele momento em que se constituía esta disciplina e oferece uma

possibilidade de interface com a pragmática, algo que será incorporado com o desenvolvimento da Linguística Cultural anos depois (Cf. SHARIFIAN, 2011, 2017).

De acordo com Sasse, os enunciados téticos são caracterizados como enunciados de *reconhecimento*, frente aos de *predicação* (categóricos). A diferença na natureza desses enunciados seria que (i) o reconhecimento se dá quando não existe um tópico que servisse de base da predicação: quando ocorre a presença de uma entidade, ela é parte de um evento percebido e (II) a *predicação* corresponde cognitivamente à existência prévia de uma entidade armazenada na memória, à qual será atribuída uma propriedade. O autor atribui ao enunciado tético características como as seguintes:

- a) o status informativo (dado/novo) da entidade envolvida não determina que um enunciado seja tético ou não;
- b) a posição em relação ao verbo em que aparece a entidade (por exemplo, o sujeito) no enunciado não determina que seja categórico ou tético e
- c) a entidade eventualmente presente em um enunciado tético não tem autonomia no discurso, estando situada dentro da descrição de um estado de coisas.

Outra característica também relatada por Sasse está relacionada à expectativa que se tem sobre determinado enunciado na situação comunicativa (SASSE, 1987, p. 522). Quanto mais o enunciado rompe com a expectativa sobre o tipo de informação que é esperada pelo interlocutor, maior é a teticidade que determinado enunciado apresenta em uma escala gradiente.

Vinte anos depois, este autor refina sua proposta e, partir do exame de 17 línguas de diferentes famílias, em Sasse (2006) elenca as três principais construções veiculadoras de conteúdos téticos nas línguas naturais². Estas construções, marcadas, diferenciariam os conteúdos téticos dos categóricos nas respectivas línguas. Seriam elas: (a) construção VS, (b), construção de prosódia diferenciadora; (c) construção clivada. Os exemplos a seguir, retirados de Sasse (1987, 2006), ilustram estas construções:

(3). *Construção VS (espanhol)*:

Suena el TELÉFONO.

Toca o telefone

“O telefone está tocando”

² O autor assinala que há expressões menos universais de teticidade em determinadas línguas ou famílias de línguas (SASSE, 2006, p. 14).

(4). *Construção de prosódia diferenciadora (inglês):*

My CAR broke.

Meu carro quebrou

“É que o eu carro quebrou”

(5). *Construção clivada [sujeito + oração relativa] (francês):*

J'ai le COU que me fait MAL

Eu-tenho o pescoço que me dói

“Meu pescoço está doendo/Estou com dor no pescoço”

Na perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso (BYBEE, 2013; DIESSEL, 2015), se as configurações sintáticas por trás dos exemplos são, por um lado, expressões de uma linguagem emergente, constituídas em determinada língua através das interações entre os usuários e gramaticalizadas com o uso através do tempo, e, por outro lado, se são caracterizadas por um continuum entre esquematicidade e produtividade (DIESSEL 2015, p. 297), elas podem constituir *construções* em determinadas língua. Para Sasse (2006) essas estruturas são construções e a teticidade estaria associada a elas.

Quanto à primeira construção (VS), o exemplo (3) caracteriza algumas línguas europeias (românicas ou não), como espanhol, italiano, romeno e grego, entre várias outras. Nela, a ordem VS é empregada diante da ausência de TEMA, diferenciando o enunciado tético do categórico, em que “El teléfono suena” (SV), alternativa sintática ao exemplo e menos marcada, é enunciada quando ‘el teléfono’ é TEMA, ou seja, quando este item é um referente já instalado no discurso.

O exemplo (4) ilustra a segunda construção (de prosódia diferenciadora), um recurso típico do inglês, em que ‘my CAR broke’ é tética e se oporia a ‘my car BROKE’, categórica. O item em caixa alta correspondem àquele que recebe acento de insistência na oração. Assim, no inglês, em que a ordem de constituintes não muda para diferenciar os dois tipos de enunciado, o acento de insistência é deslocado através do enunciado para perfazer esta função. Se incidir sobre o sujeito, indica convencionalmente para o interlocutor que se trata de um enunciado onde tudo é novo, uma informação tirada do nada, que quebra a expectativa pragmática. Se o acento incidir no verbo, por outro lado, isto assinala convencionalmente – por regras pragmáticas nem sempre explícitas – que o interlocutor tem diante de si um enunciado categórico. O sujeito ‘my car’ seria topical – um referente estabelecido no discurso – e o verbo, neste caso, veicula a informação comunicativamente relevante, não-suposicional.

Já no caso das línguas do tipo do francês (exemplo 5), a teticidade é expressa pela clivagem. Assim, *J'ai le COU que me fait MAL*, tética, se opõe a *Mon cou me fait mal*, em que *mon cou* ('meu pescoço'), é lido necessariamente como TEMA e, por isso, pode ocupar a primeira posição. Os elementos novos no discurso, não-temáticos, por outro lado, não parecem poder ocupar a primeira posição nestas línguas, vindo a ser inseridos no discurso em posição pós-verbal por meio da clivagem. Nisto, a construção em (5) guarda similaridade com a construção VS em (3), em que um item informativamente novo é inserido no enunciado em posição pós-verbal.

Lambrecht (2000, p. 625), por sua vez, conceptualiza a noção de teticidade como uma das categorias focais que caracterizam informativamente uma sentença. Considerando a dicotomia funcional *foco x fundo*, ele identifica três tipos de foco: *foco no argumento*, *foco no predicado* e *foco na sentença*. Os dois primeiros correspondem aos enunciados categóricos: o primeiro é interpretado contra um PREDICADO pressuposto. Por isso a informação nova corresponde ao ente da estrutura argumental do enunciado; O segundo é interpretado contra um ARGUMENTO já pressuposto; por isso a informação nova corresponde à predicação que se faz sobre ele. Ambas as estruturas são informacionalmente divididas em parte pressuposta e informação nova, sendo, portanto, categóricas.

O foco sentencial, por sua vez, corresponde aos enunciados téticos: todo o conteúdo do enunciado é considerado relevante/novo. Não há nenhum elemento de informação pressuposto. Daí é que uma das principais situações nas quais é possível identificar um enunciado tético, independentemente da monoargumentalidade – mais típica dos enunciados existenciais e que será discutida mais à frente nesta seção – é o contexto: enunciados que são proferidos tirados do nada (*out of the blue*), em que nenhuma das peças de informação é pressuposta ou esperada na comunicação.

Lambrecht (2000) defende a ideia de uma DETOPICALIZAÇÃO dos sujeitos quando estes fazem parte de enunciados de foco sentencial. Ele enumera as seguintes estratégias detopicalizadoras, com vários pontos em comum com as apresentadas por Sasse (1987):

- (a). Proeminência prosódica;
- (b). Posição linear (do sujeito) específica em relação ao verbo;
- (c). Coocorrência com partículas focais;
- (d). Ausência de concordância gramatical (do sujeito) com o verbo;
- (e). Marcação de caso não-nominativo;
- (f). Status de constituinte único para a sequência verbo-objeto;
- (g). Restrições sobre a anáfora nula.

Tais recursos estão relacionados ao que o autor chamou de *princípio de neutralização entre sujeito e objeto* (LAMBRECHT, 2000, p. 626), que seria o motivador para a forma que as sentenças téticas apresentam em determinadas línguas.

No que diz respeito à estrutura argumental das sentenças téticas, este é um motivo de controvérsia. Entre os autores que se dedicaram ao assunto, Lambrecht (2000) e Sornicola (1995), por exemplo, associam diretamente a teticidade à monoargumentalidade. Smit (2010) não faz essa associação e Sasse (2006) discute o tema, mas o deixa inconcluso, defendendo uma interpretação laxa para a condição, se ela for aplicável. No nosso entender, Sasse hesita em associar de maneira estrita as noções de teticidade e monoargumentalidade, diante de seu amplo conjunto de dados. Claramente, diz que monoargumentalidade não deve ser confundida nem com intransitividade nem com monovalência (SASSE, 2006, p. 277), entendendo a monoargumentalidade mais como uma tendência estatística que como uma característica definidora.

O português é citado de passagem em apenas um de seus trabalhos (SASSE, 1996, p. 15), como uma língua que, como o espanhol, alterna a ordem SV para VS em orações téticas. Mas o autor não esclarece se se trata do PB ou do português europeu e não cita a fonte da informação.

2. A teticidade no PB

Examinamos seis trabalhos sobre o assunto no PB. Em todos eles, de uma forma ou de outra, o que guiou a pesquisa sobre teticidade foi a alternância sintática da ordem SV/VS, representada no exemplo (3), acima.

2.1. Distinção entre ordem VS para téticas e SV para categóricas

Um dos primeiros trabalhos sobre a teticidade no PB a que tivemos acesso é o de Kato (1989). Em uma análise gerativista, a autora propõe analisar a diferença entre sujeitos tópicos e não-tópicos através da ordem de palavras: “o pneu furou” (tópico) e “furou o pneu” (sujeito não tópico) (KATO, 1989, p. 124). O primeiro exemplo, em nossa leitura, poderia corresponder a uma sentença categórica, com um sujeito-tópico e o segundo, a uma sentença tética, que apresenta um estado de coisas como um todo, sem predicar exclusivamente sobre um referente.

Através da comparação da dinâmica sintática do PB com o japonês, ela observa uma rica tipologia de línguas: as línguas que permitem sujeitos em posição pré-verbal e pós-verbal

diferenciariam respectivamente os sujeitos tópicos dos não-tópicos (e nesta categoria ela insere o PB), porém em línguas como o japonês, de verbo final, os sujeitos topicais e não topicais (remáticos) aparecem em primeira posição e o recurso morfológico às partículas *-ga* e *-wa*, características desta língua é que permite classificar separadamente os sujeitos topicais dos remáticos, já que o recurso à mudança de ordem não estaria disponível.

O problema da análise é que neste panorama formalista, a autora recorre à semântica para explicar como poderia se dar a diferenciação tético x categórico em línguas de sujeito inicial sem morfologia casual explícita, como o inglês. Sua solução é associar sujeitos definidos à ideia de tópico e sujeitos indefinidos à de foco (rema), reduzindo assim a questão da teticidade, que é pragmática, a um traço semântico – o artigo como a marca morfológica diferenciadora de sujeitos topicais de não-topicais no inglês, e no PB a teticidade estaria expressa pela ordem VS.

2.2. Sequências de “baixa tensão comunicativa” como VS

Naro e Votre (1999), em uma análise da ordem VS no português propõem a hipótese de que em situações de baixa tensão comunicativa – porções discursivas que não fazem parte do fluxo informacional principal – nas quais o sujeito não é tópico: isso explicaria sua posição pós-verbal. Como observa Pinheiro (2009, p. 6), com isso, Naro e Votre (1999) mostram que nem toda sentença VS apresenta sujeitos informativamente novos, pois nos dados dos autores, a maior parte dos sujeitos pós-verbais era de elementos informativamente inferíveis ou evocados, na classificação de Chafe (1994).

A condição discursiva/contextual apontada pelos autores é correspondente à ideia de comentário lateral (background information), uma das instâncias centrais da teticidade, defendida por vários autores, entre eles, Sasse (1987) e Güldemann (2010). Em outras palavras, Naro e Votre (1999) identificam uma das instâncias da teticidade e mostram por meio da análise de uma amostra proveniente do corpus *Amostra Censo* (Peul/UFRJ) que tanto sujeitos novos quando evocados aparecem em sequências discursivas *de fundo*. Ao estar concentrado na ordem VS, o trabalho não informa, no entanto, sobre as sequências discursivas de fundo em outras configurações sintáticas, como a SV.

2.3. Téticas como orações monoargumentais de ordem VS

Outra autora que se dedicou à relação entre ordem de palavras e tipos de asserção no âmbito da Gramática Discursivo-Funcional [GDF] é Pezatti (2012), para quem o enunciado categórico contribui para “o avanço do discurso”, correspondendo à FIGURA, também nos

termos da dicotomia FIGURA x FUNDO, de Hopper e Thompson (1980), pois as sequências categóricas apresentam um referente – o tópico – no qual vai ser ancorada a informação nova correspondente ao comentário.

No que se refere aos enunciados téticos, ela afirma que estes “contribuem para a descrição ou montagem do cenário no avanço do Discurso” e que propiciam ao falante a possibilidade de “sustentar, ampliar ou comentar a linha principal do discurso” (PEZATTI, 2012, p. 381).

Assim, a ordem não-marcada dos enunciados téticos em português, segundo a autora, é VS. O problema desta análise é que nos exemplos a teticidade aparece associada apenas às sentenças com verbos meteorológicos, às apresentativas e àquelas com verbos ergativos, estas últimas caracterizadas por serem monoargumentais de sujeitos não-agentivos. Fica subentendido que todos os verbos de dois ou mais lugares, nas definições da autora, correspondem necessariamente a sentenças categóricas. Essa definição de teticidade de base semântica é contrária àquelas presentes em autores como Sasse (2006), Smit (2010) e Belligh (2020).

2.4. Téticas VS do espanhol como SV no PB

Outro autor empreendeu um estudo de corpus de tradução para analisar enunciados téticos no PB. (AUTOR, 2015) utiliza um corpus constituído dos diálogos de dois filmes argentinos dublados ao PB para obter dados de teticidade através do estudo de um corpus paralelo. O autor analisou a sintaxe de sentenças téticas do espanhol, caracterizadas pela ordem SV, em um corpus de dublagem ao PB, deixando de fora os casos nos quais o verbo era ergativo. Os resultados mostraram que: (a) todos os dados de dublagem pesquisados estavam na ordem SV e (b) objetos de discurso não topicais, marcados nos diálogos originais no caso dativo (marcação de teticidade prevista por Lambrecht 2000, comentado acima) foram convertidas em sujeitos nominativos pré-verbais na dublagem ao PB, mesmo em contextos não-agentivos. O autor procurou superar uma das dificuldades na análise da teticidade, que é a falta de uma definição operacional sólida – que discutiremos na seção dedicada à metodologia – obtendo a contextualização tética nos dados do PB de forma indireta, através da forma marcada que os dados tinham no espanhol.

2.5. Manchetes téticas como SV

Uma das instâncias assinaladas por Sasse (2006) de ocorrência de teticidade é a das manchetes escritas e orais, devido à sua condição contextual de serem enunciados tirados do nada. (AUTOR, 2018) comparou a sintaxe de manchetes em espanhol da seção internacional publicadas em dois jornais argentinos e a contraparte dessas mesmas manchetes publicadas em dois jornais brasileiros. Os resultados mostraram que: (a) há manchetes categóricas (quando envolvem personalidades ou empresas relevantes na comunidade de leitores) e téticas e (b) as manchetes téticas do espanhol eram encabeçadas pelo verbo e omitiam o sujeito, enquanto as contrapartes brasileiras apresentaram um sujeito – mesmo que indefinido ou desconhecido – em primeira posição em todos os dados, tanto de téticas quanto de categóricas. Os conjuntos de exemplos (6) e (7), abaixo, do autor, ilustram a observação:

(6a) La Nación: *Realizan por primera vez un trasplante total de cara*

(6b) O Globo: **Hospital na Espanha** afirma ter feito o primeiro transplante facial total

(7a). L.Nación: *Descubren una especie de homínido en Sudáfrica*

(7b). O Globo: **Cientistas** identificam possível novo ancestral do homem na África do Sul

O autor considerou que a forma das manchetes brasileiras teria razões ligadas, por um lado, a convenções determinadas dentro das redações jornalísticas, por um lado e, por outro, a características construcionais do PB contemporâneo. O trabalho mostrou uma tendência de uma instância da teticidade que, no entanto, não pode se estender a outras instâncias e os achados estão restritos a um gênero específico.

2.6. Téticas não-monoargumentais de ordem SV

Também no âmbito comparativo, Kato e Martins (2016) apontam uma diferença na expressão das téticas entre PB e português europeu (PE). Essa diferença seria devida às mudanças sintáticas pelas quais o PB está passando em relação a outras línguas românicas e ao PE, evidenciada por autores como Tarallo (1993). Como resultado dessas mudanças, enquanto as categóricas têm a mesma estrutura SV(X) nas duas línguas, as téticas podem apresentar diferenças. Alguns exemplos das autoras (o negrito nos sujeitos foi acrescentado por nós):

(8) passaram **poucos alunos** no exame

(9) viajou comigo **um cantor de rock**

De acordo com as autoras, estes dois exemplos de sentenças téticas de sujeitos pós-verbais são aceitáveis tanto no PB quanto no PE. Já os dois seguintes são de téticas de sujeitos pré-verbais onde a leitura tética é mantida no PB mas que favorecem uma leitura categórica no PE:

(10) **O Paulo** chega hoje

(11) **Muitos imigrantes** moram na periferia de São Paulo

Em (10), mesmo se tratando de uma oração com verbo ergativo, em que o sujeito pós-verbal seria plenamente aceito em PE e em PB para uma leitura tética (como no exemplo, também das autoras, *chegou a primavera*), a posição pré-verbal do sujeito de verbos inacusativos favorece uma leitura categórica no PE pois, segundo as autoras, a posição confere ao elemento a função informativa de tópico. Ainda segundo as autoras, não há problemas com a leitura tética desse exemplo no PB. Tal observação é válida também para (11), de caráter estativo, segundo as autoras. Nesta observação é possível observar uma mudança em relação a propostas anteriores de Kato, já que admite a leitura tética para construções de ordem SV para o PB.

O status pré-verbal dos sujeitos de determinadas sentenças téticas é reforçado pela impossibilidade, apontada por Kato e Martins (2016), de haver sujeitos pós-verbais em certas construções téticas no PB:

(12) *Correram **100 atletas** a maratona.

Esta construção é considerada adequada como tética no PE e inaceitável no PB, porque “para as sentenças téticas, o PE é menos restritivo que o PB no que se refere a disponibilidade da ordem VS com verbos que não sejam do tipo monoargumental. Para estes casos, o PB geralmente recorre à ordem não-marcada SV (X) (...)”³ (KATO; MARTINS, 2016, p. 12). Um exame dos exemplos apresentados pelas autoras mostra sentenças téticas de semântica estativa e de verbos inacusativos no PB na ordem VS e SV e, quando a construção tética não é monoargumental, o sujeito delas é pré-verbal como nas sentenças categóricas.

³ Do original, em inglês: *As for thematic sentences, EP is less restrictive than BP in the availability of the order VS with verbs that are not of the monoargumental type, in which case BP generally resorts to the unmarked order SV(X) (...).*

A conclusão das autoras é, portanto, de que a maior restrição do PB à ordem VS faz com que nesta língua sejam usadas “estratégias compatíveis com a ordem não-marcada SVO⁴” (KATO; MARTINS, 2016, p. 26).

A maioria dos estudos comentados nesta seção – com exceção de (2.1) e (2.3), de forte inspiração semântica – aponta para a possibilidade de expressão de conteúdos téticos na ordem SV. O presente estudo dialoga com os achados elencados, considerando a teticidade uma noção pragmática, não-semântica cuja análise depende fortemente do contexto. Este trabalho se insere nesta discussão com o estudo de dados orais fortemente contextualizados na busca pela variedade de disposições sintáticas nas quais se manifesta a teticidade.

3. Metodologia

A metodologia para identificação e análise de enunciados téticos é um dos pontos mais problemáticos da maioria dos trabalhos sobre teticidade. Neste sentido, Hatch (2014) faz uma dura crítica à falta de uma definição operacional segura que permitisse a outro pesquisador repetir a pesquisa nas mesmas condições, um problema que a autora aponta nos trabalhos de Kuroda (1972); Sasse (1987), (1996), (2006) e Carlin (2011), entre outros.

Entendemos, com Hatch (2014, p. 22) que todo exame sobre a teticidade precisa lançar mão de um exame rigoroso do contexto, ao tratar-se de um objeto teórico do âmbito da Pragmática, algo que muitas vezes não é considerado com o devido rigor para um estudo que tem a Pragmática como um dos componentes centrais.

Da mesma maneira, entendemos, junto com Güldemann (2010) que o enunciado tético não tem estrutura informativa interna. Em um panorama em que a maioria dos enunciados são categóricos, ou seja, têm estrutura informativa interna, se a teticidade for uma categoria cognitiva, os enunciados téticos são sintaticamente marcados porque têm a função de cancelar a expectativa de que o que é dito esteja partido em tópico e comentário, como acontece na maioria das vezes. Com isso, a teticidade é uma noção independente da noção de foco:

Em outras palavras, as orações téticas são figuras [informativamente] compactas que pode ser manipulada de várias maneiras em relação às demais orações ou, de maneira mais geral, no nível organizacional do texto. Podem ser salientes em relação ao resto do discurso, como nas sentenças onde tudo é novo (all-new) mas também podem ser usadas como fundo contra outras sentenças do contexto.⁵ (GÜLDEMANN, 2010:86)

⁴ Do original em inglês: *strategies that are compatible with the unmarked SVO order.*

⁵ Tradução nossa do original em inglês: “In other words,thetic sentences are compact figures which can be variably manipulated with respect to other sentences, or more general, on the higher organizational level of the text. They can be salient against the rest of the discourse, e.g., as ‘all-new’ sentences, but they can also be used as the background against other sentences of the context.”

Neste sentido, após o exame das críticas de Güldemann (2010, p. 87) sobre a lista de situações contextuais para identificação da teticidade de Sasse (1987) e à luz de trabalhos recentes como o de Belligh (2020), propomos reduzir as situações contextuais para identificação de teticidade a três: (a) apresentação de entidades (existenciais); (b) sequências de informação secundária à linha central do discurso, nos moldes de Naro e Votre (1999) (*background descriptions*, presentes nas três análises citadas), tendo como critério a mudança de entidade central do enunciado e (c) enunciados do tipo *all-new*, proferidas como notícias inesperadas, que anunciam novo assunto discursivo ou em resposta a perguntas do tipo “o que aconteceu?” As três condições estão contempladas, de uma forma ou de outra, nas três análises citadas. O presente trabalho é um estudo orientado pelo contexto e não pela forma dos enunciados, no qual questões semânticas como a monoargumentalidade não entram como condição prévia para a teticidade.

Para obtenção dos dados, analisaremos quatro entrevistas escolhidas aleatoriamente do corpus *Censo 2000* (Peul/UFRJ), que chamaremos, a partir de agora, de C2000, e de quatro do subcorpus de diálogos do corpus *C-oral Brasil* (RASO; MELO, 2012), que chamaremos a partir de agora, de COB. Escolhemos estes dois corpora como fonte dos dados por eles serem muito diferentes entre si. Os arquivos do C2000 foram gravadas com falantes do Rio de Janeiro em 1999 e consistem de entrevistas feitas por pesquisadores a informantes de diferentes faixas etárias, gênero biológico e nível de escolaridade. Os arquivos do COB são gravações de falantes da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, realizadas em 2008. São feitas entre dois informantes que têm microfones sem fio na lapela e que são gravados realizando atividades cotidianas, como fazer compras, jogar, dirigir, e os dois participantes do diálogo são informantes. Consideramos que esta variedade de situações poderia favorecer a captura de dados que, mesmo sendo de duas variedades diferentes do PB poderiam captar alguns traços comuns às duas variedades.

4. Resultados e discussão

Na análise da amostra foram obtidos 74 dados de existenciais, 28 dados de sequências de informação secundária à linha central do discurso e apenas 3 dados de sequências de informação inteiramente novas interruptivas.

4.1. Contexto 1. Existencial

Levantamos, nos dados, 9 diferentes formas de expressar a asserção existencial. Agrupamos estas formas segundo o verbo empregado. Todas as existenciais são semanticamente monoargumentais e introduzem elementos obrigatoriamente NOVOS informativamente. Todas apareceram na ordem VS:

a) [Ter X] (n=57, 77% dos dados do grupo).

(13) **Entrevistador:** Lotada, né?

Informante: Lotada, num tem condições. **Tem uns que dorme em cima da rede, faz rede, né?**⁶ (C2000)

A configuração com a forma TER X foi a mais frequente neste contexto e, sozinha, corresponde a 74% dos dados deste contexto.

b) [Existir X] (n=10, 14% dos dados do grupo).

(14) Porque **existe uma certa pressão** por parte delas e por parte do público, fica naquela “eu tenho que ganhar”. (C2000)

c) [Ser X] (n=4).

(15) **E:** Você acha que tem alguma solução? (...)

I: Ah, isso eu não sei, sabe? Não faço a mínima ideia de como ia. (...)

Ninguém vai consegui fazê nada. É impossível. Tá pior! A cada dia que passa.

É mortes, é assassinatos, eu... num sei não. (C2000)

d) [Haver X] (n=4).

(16) Assim, **há muitos lugares** onde eu poderei procurá trabalho. (C2000)

e) [ADV vir X] (n=1).

(17) Ai, **lá vem outro caminhão**. (COB)

⁶ Mantivemos, na maioria das vezes, a grafia registrada na transcrição, tanto no COB quanto no C2000.

Os enunciados existenciais com verbo ser apareceram tanto em dados do C2000 quanto no COB. Os enunciados existenciais com haver pertenceram todos ao mesmo falante, de um arquivo do C2000.

Estes dados poderiam indicar uma especialização das construções VS no que se refere, pelo menos, aos enunciados existenciais, mas esta configuração também veicula enunciados definidos por Givón (2012) como de identificação. Esses processos são de natureza diferente. Enquanto por meio do enunciado existencial o falante cria uma entidade no plano discursivo, o enunciado de identificação pressupõe a existência dessa entidade discursiva e o falante ao utilizá-lo, atualiza essa entidade no discurso.

O corpus apresentou dados de enunciados de identificação com a mesma forma dos enunciados existenciais:

a) Ter X no presente.

(18a) existencial:

I1: Não, isso não falava não. O que? Não, é porque são de outros departamentos, né?

I2: Não, e **tem um que chama da... nas Artes.**

I1: Que é tipo dois de pintura... e dois de... aquele negócio de ensino de artes.

I2: LA: Não, **tem um de ensino de arte.** (COB)

(18b) identificacional:

E: É, aqui em Santa Tereza, como é que é o transporte? Cê anda mais de bonde, anda mais de ônibus? Como é que cê acha? Como é que é aí?

I: Bom... eu ando mais de ônibus, né? **Mas tem o bondinho.** Aqui em Santa Tereza só isso que tem: bondinho e o ônibus, só. (C2000)

Essa diferença é atestada em línguas tipologicamente semelhantes, como o espanhol, da qual se alega que a teticidade é uma categoria funcional, por meio do emprego de verbos diferentes: haber para a asserção existencial e estar para a proposição identificacional:

(19a) existencial:

*Como en muchos clubes, **hay una** barra oficial, hoy capitaneada por César Loquillo Rodríguez.* (www.corpusdelespanol.org)

‘Como em muitos clubes, tem uma torcida organizada, hoje capitaneada por C.L.R.’

(19b) Identificacional:

Este sector tiene, además, muchos bares pequeños muy entretenidos(...). Por otro lado, está el sector Ventura Lambrate (VL), ubicado cerca de metro Lambrate, en un ex-sector industrial de la ciudad. (www.corpusdelespanol.org)

‘Esse bairro tem, além disso, muitos bares pequenos, muito divertidos (...). Por outro lado tem o bairro de Ventura Lambrate, localizada perto do metrô lambrate, uma ex-área industrial da cidade.’

Esta divisão é reforçada pela má formação pragmática atestada em algumas variedades para a sequência *haber+el* (“haver+o”). No par de exemplos, a asserção existencial é expressa pelo verbo *haber* (“haver”) e a asserção identificacional, pelo verbo *estar*.

A mesma falta de especialização léxica entre enunciados existenciais e identificacionais foi observada com os verbos ‘existir’ e ‘haver’ nos dados:

b) Existir.

(20a) existencial: **Existe uma ideia** de que os alunos de universidades públicas, quando saem da faculdade, quando terminam o curso, eles têm mais chance de conseguir emprego. (C2000)

(20b) identificacional: **É claro que na natureza existe a lei do mais forte.** (C2000)

c) Haver.

(21a) existencial:

E: O que você acha do curso de Educação Física?

I: Bom, é um ótimo curso, porque num está preso a um tipo de área de trabalho. Assim, **há muitos lugares onde eu poderei procurá trabalho.** (C2000)

(21b) identificacional:

Bom, isso aí, (...) tentar investir o máximo na educação, pra poder concorrer com as escolas particulares, que hoje são vistas como as melhores, diferente das universidades. **É claro que há as exceções**, mas no geral, na maioria, na grande maioria, as escolas públicas estão perdendo e muito para as particulares. (C2000)

4.2. Contexto 2. Sequências de informação secundária à linha central do discurso

Os dados de enunciados neste contexto apareceram em 9 configurações sintáticas.

1. [SUJ COP PRED] (n=6)

(23) I1: É, mas pode ser que seja da...

I2: Mas tem o Ronan também, né, aqui...

I1: Não, tem o Ro...

I2: Então assim... a... **essa aí vai ser muito difícil** (COB)

2. [SUJ_{TRANS} V_{TRANS} OBJ] (n=5)

(24) (...) ela teve neném dentro do ônibus. Aí ela não teve pra onde ir, começou a arrumá emprego, e ninguém queria aceitá – **que ninguém aceita mãe com filho...** dificilmente ia aceitá. (C2000)

3. [V_{INTRANS} SUJ_{INTRANS}] (n=4)

(25) I1: A outra... essa é pra adjunto

I2: Ahn.

I1: E a outra, basta ter título de mestre. E é pra... fotografia.

I2: Fotografia... então faz a outra, faz a pra mestrado... doutor é foda... doutor nessa área aí, **vai aparecer aqueles cara...** aparecer... quem já mexe com isso.

(COB)

4. [COP PRED SUJ] (n=4)

(26) E: E como é que foi essa doença?

I: Bom, [a do meu pai], do meu pai, ele morreu de - de ataque cardíaco, e do meu padrasto, é... **é parecido a doença deles**, os dois. Um problema no coração, né? (C2000)

5. [V_{TRANS} OBJ SUJ_{TRANS}] (n=3)

(27) I1: São muitos copos ali dentro que não usa né?

I2: Foi...isso tudo é herança do tio dela, Kátia.

I1: É, não era da dona Emília não. Era do tio dela.

I2: Era do tio dela... **deve ter mais de trinta quarenta ano cinquenta ano esses trem.** (COB)

6. [COP SUJ PRED] (n=2)

(28) **I1:** É... bacana, né? É bom... as meninas falam que incomoda o aparelho que eu vou pôr. A Mariane tá com o fixo, a Tati também colocou fixo, a Lulu também colocou fixo...

I2: Nó! Tá todo mundo de fixo, né, na minha esco...

I1: De menos eu. Nossa... que bom... maravilhoso. (C2000)

7. [V_{TRANS} SUJ_{TRANS} OBJ] (n=1)

(29) **E:** Quando você escolheu, é..., sê evangélica [...] como é que o teu pai, a tua mãe, como é que eles reagiram?

I: A minha mãe de criação reagiu... nem... num discordô de nada. Eu era criança também, ela também ia, ela gostava. Ela gostava de ir, ela tava frequentando, né? Quebrô os santo todo, aí depois **foi uma mulher lá** da macumba, falô se... se ela não largasse, não voltasse, entendeu? (C2000)

8. [V_{TRANS} SUJ_{TRANS}] (n=1)

(30) O resto do dinheiro, sei lá, eu acho que eu ia ou guardá, ou então... dá ... não dá esse dinheiro assim bot... guardá esse dinheiro pros meus estudos, e o que sobrasse eu acho que eu dava pra alguém que precisava, né? **que existe muitas pessoas aqui aonde eu moro que precisam**, além de mim, né? (C2000)

9. [OBJ SUJ_{TRANS} V_{TRANS}] (n=1)

(31) É, o que ela aprendeu a falá no começo foi mamãe, depois foi o que foi bala, foi... foi o que mais: bola também. **Essas palavrinhas mais fáceis assim, ela tenta falá.** (C2000)

A configuração (1), [SUJ COP PRED] ocorreu em 21% dos dados e foi a que teve o maior número de ocorrências, seguida da configuração (2), [SUJ_{TRANS} V_{TRANS} OBJ], que apareceu em 18% dos dados. As duas configurações que tiveram maior frequência são de sujeitos pré-verbais, consideradas básicas e não-marcadas no PB. Todas as demais configurações são de sujeito pós-verbal. A configuração (3), [V_{INTRANS} SUJ_{INTRANS}] ocorreu em 14% dos dados deste contexto. Os sujeitos nesta configuração foram do tipo evocado em todos

os casos. Os verbos foram ergativos na maioria dos dados. Estes verbos configuram a classe semântica mais associada à ordem VS no PB.

A configuração (4), [COP PRED SUJ] apareceu também em 14% dos dados e a (5), [V_{TRANS} OBJ_{TRANS} SUJ_{TRANS}], em 11% deles. As duas configurações compartilham um paralelismo na ordem, apresentando na posição inicial a cópula, no caso de (4) e o verbo transitivo, no caso de (5). A configuração (6), [COP SUJ PRED], presente em 7% dos dados, apresenta uma diferença em relação às anteriores, com o sujeito pós-verbal em posição medial e o predicativo, em posição final. As configurações (7), (8) e (9) apresentaram um dado cada uma. A configuração (7), [V_{TRANS} SUJ_{TRANS} OBJ_{TRANS}] tem paralelo com a anterior, com um sujeito pós-verbal medial. A (8), [QUE V_{TRANS} SUJ_{TRANS}], envolve uma sobreposição da tética do tipo (2) e do tipo (1), existencial. Já (9), [OBJ_{TRANS} SUJ_{TRANS} V_{TRANS}] traz um exemplo de topicalização do objeto seguido do sujeito e do verbo.

Em relação a este contexto, a variedade de configurações aponta para uma não-especialização na língua para a expressão dos conteúdos téticos, uma vez que houve tanto configurações de sujeito pós-verbal quanto de sujeito pré-verbal; a maioria delas foi de sujeito pós-verbal, que corresponde à ordem marcada. Individualmente as duas configurações que apresentaram mais casos foram de sujeito inicial, seguido de cópula e de predicativo, na primeira e seguido de verbo transitivo e objeto, na segunda. Os dados referentes à ordem apontam contra uma possível categorização funcional da teticidade nesta língua, que conduzisse à veiculação de conteúdos téticos por meio de recursos específicos.

A análise permitiu ver, no entanto, outra característica, que poderia apontar em direção a uma espécie de marcação do tipo morfológico de algumas sequências enunciativas deste contexto. Os dados das configurações (1) e (2), que envolvem a ordem considerada não-marcada, tendem a estarem precedidos de um elemento ao estilo de um marcador discursivo – neste caso, ‘que’ – funcionando como um antecipador destes enunciados téticos, como no exemplo abaixo:

- (32) Pra se entregá, tem que... o ca... o cara tem que tá... amá ela, e ela amá ele, entendeu? (...) Aí ela vai engravida, e ele fala que o filho né dele, é de outro, **que esses cara é assim**: fez uma vez, engravidô, vai falá que o filho não é dele.

(C2000)

Este elemento apareceu em todos os dados da configuração (1) e em 40% dos dados da configuração (2). Este elemento foi observado tanto em dados do C2000 quanto do COB. Este

elemento apareceu ainda, em um dado de ordem marcada: na configuração (8), no exemplo (30), acima. De maneira similar, o exemplo (28) acima, da configuração (6), apresenta a interjeição ‘Nó!’, forma aferética de ‘Nossa!’ no dialeto mineiro, em um dado do COB, que parece funcionar de maneira similar ao “que”. A ausência deste elemento ou de um similar nos demais dados de ordem marcada sugere algum tipo de marcação da tética de sujeito inicial que diferenciasses as téticas das categóricas dessa mesma ordem. No entanto, este elemento não apareceu em todos os dados de téticas de sujeito inicial (somadas as configurações (1) e (2), mas em 64% dos casos.

A ordem de palavras nos dados se mostrou dinâmica e influenciada pelo fluxo informacional do texto (CHAFE, 1994) e as funções informativas (DIK 1997), tais como tópico e foco ou contraste.

4.3. Contexto (3) enunciados de informação completamente nova

No corpus analisado, constituído de uma amostra de 104 páginas de transcrições de gravações, foram encontrados apenas 3 casos de enunciados veiculadores de informação nova, em duas configurações diferentes:

1. [SUJ_{INTRANS} V_{INTRANS}].

- (33). **I1:** saco de lixo, só passar pra lá. Eu acho que no saco de lixo nós já passamo.
 Passar no arroz...
I2: Rena
I1: ham ham?
I2: Seu dinheiro tá caindo hhh. Brigada, moço.
I1: hum hum? Nossa. hhh Brigada. Nem tinha visto. É que eu tirei pa poder...
 hhh tirar, né? (COB)

2. [SUJ_{TRANS} V_{TRANS} OBJ].

- (34) **I1:** Aonde nós temo que ir
I2: A gente tem que comprar...
I1: Ô, esses dias a gente tava procurando toalha pa cobrir o
 carneirinho que a gente disseca, que ele... ele...
I2: O quê?
I1: Na aula de anatomia.

I2: Ah!

I1: Porque vai ressecando, né? (COB)

No exemplo (33) a **I1** se encontra no supermercado, fazendo as compras com **I2** e conversam sobre a localização do próximo item a ser colocado no carrinho, o arroz, quando **I1** é avisada por outro cliente do supermercado que o dinheiro de **I2** está caindo do bolso da sua calça. Ela então, interrompe o fluxo da conversa para fazer um anúncio a **I2** sobre o dinheiro que está caindo. Esta tética foi chamada por Sasse (1987, 2006) de anunciativa. Este tipo de tética não guarda nenhuma relação com o fluxo da conversa imediatamente anterior.

Em (34) a mesma informante, **I1** traz para a conversa um assunto novo, em uma sequência na configuração SVO que vem precedida pela interjeição ‘Ô’, que parece ter uma função equivalente a ‘Nó!’ e ao elemento ‘que’, discutidos na seção anterior. Ela introduz um assunto novo no discurso. O sujeito “a gente” desta sequência tética não tem o mesmo referente de “a gente”, inclusivo, utilizado anteriormente na conversa com **I2** pois, nesta sequência, tem referência não-inclusiva e se refere a **I1** e seus colegas da aula de anatomia. O enunciado provoca uma ruptura tanto no fluxo informacional quanto na temática da conversa. Essa ruptura é observada pela reação de **I2** e a necessidade de **I1** – expressa na sequência – de situar espacialmente o novo assunto que acaba de introduzir.

Estes dois enunciados são do mesmo diálogo e da mesma falante. O terceiro enunciado encontrado deste grupo é de outro arquivo de diálogo, mas ambos os diálogos onde encontramos os dados são do corpus COB. Não obtivemos dados deste tipo nas entrevistas analisadas do C2000, o que pode dever-se à diferente natureza dos corpora.

A dificuldade de encontrar os enunciados correspondentes a esta condição contextual pode estar relacionada à diferença entre estes e os enunciados desvinculados da argumentação central, examinados na seção anterior. Enquanto aqueles constituem sequências informativas de fundo, os dados de informação totalmente nova requerem contextos muito específicos de aparição, em que o fluxo conversacional é interrompido, na maioria das vezes por motivações externas ao discurso, como a chegada de algum novo interlocutor que traz uma notícia, ou a referência a algo que ocorre no entorno comunicacional. Estas sequências informativas, ao contrário das do contexto (2) têm proeminência e constituem a figura, ainda que momentaneamente, dentro da dicotomia figura-fundo e podem promover uma mudança do tópico conversacional, introduzindo assuntos e referentes novos no discurso.

Os três enunciados, divididos nas duas configurações, apresentam sujeitos pré-verbais em configurações sintáticas consideradas não-marcadas, ou básicas do PB.

Dos enunciados da configuração (a) ambos os sujeitos eram informativamente novos e no enunciado na configuração (b) o sujeito era disponível. Obtivemos dados de enunciados categóricos das mesmas configurações expressos pelos mesmos falantes dos enunciados téticos:

(a) [SUJ_{INTRANS} V_{INTRANS}].

(35a) tética:

I1: Ah, então não leva não.

I3: Ó o passe.

I4: Ó.

I1: Se ele não gosta, então, não leva.

I3: O goleiro.

I1: Leva não. **Mas os trem tá aumentando demais.** O prano de saúde ia aumentar... vai aumentar de novo. (COB)

(35b) categórica:

Leva não. Mas os trem tá aumentando demais. **O prano de saúde ia aumentar...** vai aumentar de novo. (COB)

Em (35a) **I1** tem um diálogo com **I2** enquanto outros informantes gravados (**I3** e **I4**) assistem futebol na mesma sala. **I1**, no enunciado marcado em negrito, apresenta uma sequência tética, trazendo um novo assunto para a conversa que vem tendo com **I2**, interruptivo, sem nenhuma relação com o fluxo da conversa com **I2** até então e também precedido de um elemento que o anuncia, neste caso, “mas”, que tradicionalmente é analisado como conjunção adversativa e efetivamente introduz um enunciado disruptivo em relação à conversa que vinha se desenrolando.

(35b) traz a sequência enunciativa posterior à de **I1**, do exemplo anterior. O sujeito ‘prano de saúde’ já é disponível em certo grau, devido à menção geral aos aumentos feita no enunciado tético, sendo este um enunciado de foco no argumento, na nomenclatura de Lambrecht (2000), enquanto o resto da sequência é pressuposta, por ter sido citada no enunciado tético. Esta sequência categórica dá seguimento à sequência tética anunciativa anterior.

(b) [SUJ_{TRANS} V_{TRANS} OBJ].

(36a) tética:

I1: Ô, esses dias a gente tava procurando toalha pa cobrir o carneirinho que a gente disseca, que ele... ele...

(36b) categórica:

I2: cheio... cê que sabe. Se quiser levar coco....

I1: Ah, não. Semana que vem, mês que vem, a gente faz outra compra. (COB)

Em (36b) A falante **I1**, mais adiante no mesmo diálogo em que enunciou a sequência tética, utiliza a mesma configuração sintática que havia usado para a tética em (36a), inclusive precedida de advérbio temporal, para expressar agora um conteúdo categórico, do tipo foco no predicado (LAMBRECHT, 2000), em que o sujeito é pressuposto e o predicado constitui a informação nova ou relevante, com a diferença de que em (36a) a falante apresentou o conteúdo tético precedido de uma interjeição.

5. Conclusão

Na análise da amostra foram obtidos 74 dados de existenciais, 28 dados de sequências de informação secundária à linha central do discurso e apenas 3 dados de sequências de informação inteiramente novas interruptivas. Os dados de existenciais mostraram a possibilidade de expressar a asserção existencial por meio do verbo ‘ser’, além dos tradicionais ‘ter’, ‘existir’ e ‘haver’ e que não houve diferença de estrutura ou verbo empregado no enunciado existencial (tético) e no enunciado identificacional (não-tético). Os dados de sequências de *background information* (tipo 2) mostraram nove configurações sintáticas diferentes, tanto de sujeitos pré-verbais quanto de pós-verbais, prevalecendo os últimos combinados com o status informacional de evocados, o que desvincula: (a) a teticidade da noção de informação nova e (b) a posição pós-verbal do sujeito da noção de teticidade. Os dados de sequências inteiramente novas, que interrompem o fluxo discursivo, apresentaram o sujeito inicial e ordens não-marcadas empregadas pelos mesmos falantes para a expressão de enunciados categóricos.

A teticidade é considerada uma categoria funcional representada na cognição, em determinadas línguas, para determinados autores, o que seria evidenciado pela existência de configurações linguísticas específicas ligadas à sua expressão. A indiferenciação sintática entre enunciados existenciais e identificativos, o amplo repertório de configurações sintáticas usado para a expressão de enunciados de informação de *background* e o uso de configurações

sintáticas de sujeito pré-verbal, não-marcadas, para sequências informativas inteiramente novas apontam para a teticidade como uma noção do âmbito discursivo (Belligh 2020). Esta se dá quando a categoria não é representada cognitivamente e a identificação de seu significado tético se resolve no discurso quando se dá esta identificação, pois ao não existir com categoria funcional operante na língua, pode vir a não ser identificada.

Se a ordem não aponta em direção à existência dessa noção como categoria funcional, a presença de outros constituintes linguísticos associados principalmente a sequências téticas de ordem não-marcada lança algumas questões para análise futura, pois elementos tradicionalmente analisados como interjeições e conjunções funcionaram aparentemente como algum tipo de marcador discursivo.

REFERÊNCIAS

- BELLIGH, Thomas. Are theticity and sentence-focus encoded grammatical categories of Dutch? In: ABRAHAM, Werner. et alli (eds.). *Thetics and categoricals*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2020.
- BRENTANO, Franz. *Psychology from an empirical point of view*. London: Routledge and Kegan Paul, 1973 (1874).
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. Usage-based theory and *exemplar* representations of constructions. In: HOFFMANN, Thomas; Graeme TROUSDALE (eds.). *The Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- BYBEE, Joan; Dave EDDINGTON. A usage-based approach to Spanish verbs of 'becoming'. *Language*, 82(2). 2016. p. 323-55.
- CARLIN, Eithne B. Theticity in Trio (Cariban). *International Journal of American Linguistics*, 77(1), 2011. p. 1-31.
- CHAFE, Wallace. *Discourse, consciousness and time*. Chicago: University of Chicago Press, 1994a.
- CROFT, Willam; CRUSE, D. Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DIK, Simon Cornelis. *The Theory of Functional Grammar. Complex and Derived Constructions*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DIESSEL, Holger. Usage-based *construction* grammar. In: DABROWSKA, Ewa; Dagmar DIVJAK (eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin and Boston: De Gruyter Mouton.

- HATCH, Rebecca. A. Theticity in Tiriyó: An Empirical Reevaluation. *Dissertation. University of Oregon*, 2014.
- HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. *Language* v. 56, n. 2, 1980. p. 251-99.
- GIVÓN, Talmy. The grammar of referential coherence as mental processing instructions. *Linguistics*, 30(1), 1992. 5–55.
- GOLDBERG, Adele Eva. *Constructions at work. The nature of generalization in language*. New York: Oxford University Press, 2006.
- GÜLDEMANN, Tom. The relation between focus and theticity in the Tuu family. In: FIEDLER, Ines; Anne SCHWARZ (eds.). *The expression of information structure: A documentation of its diversity across Africa*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.
- KATO, Mary Aizawa. Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 17, 1989. p. 109-31.
- KATO, Mary Aizawa.; MARTINS, Ana Maria. European Portuguese and Brazilian Portuguese: an overview on word order. In: Leo Wetzels, Sergio Menuzzi & João Costa (eds.), *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2016. p. 15-40.
- KURODA, Sige-Yuki. The categorial and the thetic judgment. *Foundations of Language*, v. 2, 1972.
- LAMBRECHT, Knud. When subjects behave like objects: An analysis of the merging of S and O in sentence-focus constructions. *Studies in Language*, v. 24., n. 3, 2000.
- LANGACKER, Ronald. The relevance of Cognitive Grammar for language pedagogy. In: DE KNOPP, Sabine; Teun DE RYCKER, (eds.) *Cognitive approaches to pedagogical grammar*, 7-36. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008.
- MARTY, Anton. Über die Scheidung von *grammatischem, logischem und psychologischem Subjekt resp. Prädikat*. *Archiv für systematische Philosophie*, v. 3, 1874.
- NARO, Anthony Julius; VOTRE, Sebastião Josué. Discourse motivations for linguistic regularities: verb/subject order in spoken Brazilian Portuguese. *Probus*, Dordrecht, v. 11, n. 1, p. 73-98, 1999.
- PINHEIRO, Diogo. A ordem VS como construção gramatical. In: FERRARI, Lilian. (Org.). *Espaços mentais e construções gramaticais: do uso linguístico à tecnologia*. Rio de Janeiro: Imprinta. 2009.
- PEZATTI, Erotilde Goreti. Ordenação de constituintes em construções categorial, tética e apresentativa. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, 28:2, 2012.
- PEZATTI, Erotilde Goreti. *A ordem de palavras no português*. São Paulo, Parábola, 2014.
- PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- SASSE, Hans-Jürgen. The thetic/categorial distinction revisited. *Linguistics*, v. 25, 1987.
- SASSE, Hans-Jürgen. Theticity. In G. Bernini and M. L. Schwarz. *Pragmatic organization of discourse in the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

SHARIFIAN, Farzad. *Cultural Conceptualisations and Language*. Theoretical Framework and Applications. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011.

SHARIFIAN, Farzad. *Cultural Linguistics*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2017.

SMIT, Niels. *Theory and Typology of information packaging*. Amsterdam: University of Amsterdam, 2010.

SORNICOLA, Rosanna. Theticity, VS order and the interplay of syntax, semantics and pragmatics. *Sprachtypologie und Universalienforschung*, 48, 1995.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 69-102.

ULRICH. Miorita. *Thetisch und kategorisch*. Tübingen: Narr, 1985.